

Cecelia Aherm



P.S. Eu  
amo-te

Um clássico que cativou o coração de milhares de portugueses e que chegou a mais de 1 milhão de leitores em todo o mundo.



*Para o David*

## CAPÍTULO UM

Holly encostou a camisola de algodão azul ao rosto e o cheiro familiar atingiu-a de imediato, sentindo uma dor avassaladora apertar-lhe o estômago e partir-lhe o coração. Sentiu picadas subirem-lhe pela nuca, enquanto um nó na garganta ameaçava asfixiá-la. O pânico apoderou-se dela. Além do zumbido baixo do frigorífico e do gemido esporádico dos canos, a casa estava em silêncio. Estava sozinha. Sentiu a bÍlis subir-lhe à garganta e correu para a casa de banho, onde caiu de joelhos diante da sanita.

Gerry partira e nunca mais voltaria. Era essa a realidade. Nunca mais lhe percorreria o cabelo suave com os dedos, nunca mais partilharia com ele uma piada secreta por cima da mesa num jantar, nunca mais iria a choramingar para junto dele ao chegar a casa, depois de um dia de trabalho difícil, quando só precisava de um abraço, nunca mais partilharia a cama com ele, nunca mais seria acordada pelos seus ataques de espirros todas as manhãs, não mais se riria tanto com ele a ponto de ficar com a barriga a doer, nunca mais discutiriam de quem era a vez de se levantar para desligar a luz do quarto. Tudo o que restava era um monte de memórias e uma imagem do seu rosto que se tornava cada vez mais vaga, a cada dia que passava.

O plano de ambos fora muito simples: ficarem juntos para o resto das suas vidas. Um plano que todas as pessoas do seu círculo consideravam realizável. Eram os melhores amigos, amantes e almas gémeas, estavam destinados a ficar juntos, pensavam todos. Mas o que aconteceu foi, um dia, o destino invejoso decidir mudar de ideias.

O fim chegara demasiado cedo. Depois de se queixar de uma enxaqueca durante alguns dias, Gerry aceitara o conselho de Holly

de consultar o médico. Acontecera numa quarta-feira, no intervalo do almoço. Pensavam que se devia à tensão, ou ao cansaço, e concordaram que, na pior das hipóteses, ele estaria a precisar de usar óculos. Gerry não ficara nada satisfeito com essa possibilidade. No entanto, não valia a pena ter-se preocupado, visto que o problema não era da visão. Era um tumor que lhe crescia no cérebro.

Holly puxou o autoclismo e, a tremer com o frio do chão de tijoleira, pôs-se de pé, vacilante. Ele tinha trinta anos. Não era de modo nenhum o homem mais saudável da Terra, mas era suficientemente saudável para... bom, para viver uma vida normal. Quando ficou realmente debilitado, às vezes, armava-se em corajoso e brincava, dizendo que não devia ter vivido a vida de forma tão segura. Devia ter consumido drogas, devia ter bebido mais, devia ter viajado mais, devia ter saltado de aviões, enquanto depilava as pernas... e a lista continuava... Mesmo enquanto se ria disso, Holly apercebia-se do arrependimento nos seus olhos. O arrependimento pelas coisas para as quais nunca arranjava tempo, pelos lugares que não vira, e tristeza pela perda das experiências futuras. Arreponder-se-ia da vida que tivera com ela? Holly nunca duvidara de que ele a amava, mas receava que sentisse que perdera tempo precioso.

De repente, envelhecer tornara-se algo que ele queria concretizar, em vez de o sentir apenas como uma inevitabilidade receada. Quão arrogantes ambos haviam sido por nunca terem pensado no envelhecimento como uma conquista ou como um desafio. Envelhecer tinha sido algo que ambos tinham desejado tanto evitar.

Holly deambulava de divisão em divisão, enquanto derramava lágrimas grossas e salgadas. Tinha os olhos inflamados e doridos, e aquela noite parecia não ter fim. Nenhuma das divisões da casa lhe trazia qualquer consolo, apenas silêncios pouco acolhedores, enquanto fitava os móveis em volta. Quase desejara que o sofá lhe estendesse os braços, mas até ele a ignorava.

Gerry não poderia ficar contente com isto, pensou. Inspirou fundo, enxugou os olhos e tentou pôr algum juízo em si mesma. Não, Gerry não podia estar nada satisfeito.

Os olhos de Holly estavam sensíveis e inchados por ter chorado a noite inteira. Como acontecera em todas as noites das últimas semanas, mergulhara num sono irregular às primeiras horas da manhã. Todos os dias, ao acordar, dava consigo desconfortavelmente estendida em cima de uma qualquer peça de mobiliário — hoje fora o sofá. Mais uma vez, fora o telefonema de uma amiga preocupada ou de um familiar a despertá-la. Provavelmente, pensavam que não fazia outra coisa senão dormir. Onde estavam os seus telefonemas quando deambulava apaticamente pela casa, como um *zombie*, à procura de divisões para... para quê? O que esperava encontrar?

— Estou? — atendeu, ensonada. Tinha a voz rouca das lágrimas, mas há muito que deixara de se preocupar em mostrar um ar corajoso. O seu melhor amigo partira, e ninguém compreendia que não havia quantidade nenhuma de maquilhagem, ar fresco nem compras capazes de lhe preencher o vazio que tinha no coração.

— Oh, desculpa, querida, acordei-te? — A voz preocupada da mãe de Holly soou do outro lado da linha. Todas as manhãs, a mãe ligava-lhe para verificar se sobrevivera à noite sozinha. Sempre com medo de a acordar, mas sempre aliviada por a ouvir falar; satisfeita por saber que a filha enfrentara os fantasmas da noite.

— Não, estava apenas a dormir, tudo bem. — Sempre a mesma resposta.

— O teu pai e o Declan saíram, e eu estava a pensar em ti, querida.

Por que razão aquela voz empática e apaziguadora lhe enchia sempre os olhos de lágrimas? Imaginava o rosto da mãe, de sobrolho franzido e com a testa enrugada de preocupação. Mas isso não consolava Holly. Fazia-a lembrar-se do motivo pelo qual estavam preocupados e não deveriam estar. Tudo deveria estar dentro

da normalidade. Gerry deveria estar ali ao seu lado, a revirar os olhos para o céu e a tentar fazê-la rir, enquanto a mãe continuava a tagarelar. Muitas vezes, Holly tivera de passar o telefone a Gerry ao sentir um ataque de riso dominá-la. Então, ele continuava a conversa, ignorando Holly enquanto esta saltitava à volta da cama, fazendo as caretas mais tolas e as coreografias mais cómicas, só para se vingar dele. Raramente funcionava.

Durante toda a conversa, Holly respondeu com «huns» e «ahãs», ouvindo, mas não escutando uma única palavra.

— Está um dia lindo, Holly. Fazia-te tão bem ires dar um passeio. Apanhar um pouco de ar fresco.

— Hum, talvez. — Ali estava, de novo, o ar fresco, a suposta solução para todos os seus problemas.

— Talvez eu possa aparecer por aí mais logo e possamos conversar.

— Não, obrigada, mamã. Estou bem.

Silêncio.

— Pronto, então, está bem... Dá-me uma apitadela, se mudares de ideias. Estou disponível o dia inteiro.

— Ok. — Outro silêncio. — Mas, obrigada.

— Então, pronto... tem cuidado contigo, querida.

— Terei. — Holly estava prestes a pousar o auscultador no descanso quando ouviu de novo a voz da mãe.

— Ah, Holly, ia-me esquecendo. Ainda tens aqui aquele sobrescrito; sabes, aquele de que te falei. Está em cima da mesa da cozinha. Não queres vir cá buscá-lo? Já aqui está há semanas. Pode ser importante.

— Duvido. Provavelmente, é mais um postal.

— Não, não me parece, querida. Vem endereçado a ti e por cima do teu nome diz... oh, espera aí que vou buscá-lo...

Ouviu-se o telefone ser pousado e o som de saltos altos na tijo-leira em direcção à mesa, de cadeiras a chiar contra o chão, de passos cada vez mais audíveis, o telefone a ser levantado de novo...

— Ainda aí estás?

— Sim.

— Então, no topo diz: «A Lista.» Talvez seja alguma coisa do trabalho ou assim, querida. Se calhar vale a pena dares uma...

Holly deixou cair o telefone.

## CAPÍTULO DOIS

— Gerry, apaga a luz! — Holly ria-se nervosamente enquanto observava o marido a despir-se à sua frente. Ele dançava pelo quarto numa sessão de *striptease*, desabotoando lentamente a camisa branca de algodão com os seus dedos longos e esguios. Ergueu a sobancelha esquerda na direcção de Holly e deixou que a camisa lhe deslizasse pelos ombros, apanhou-a com a mão direita e fê-la rodopiar por cima da cabeça.

Holly voltou a rir.

— Apagar a luz? O quê? E perder tudo isto? — Fez um sorriso lascivo enquanto flectia os músculos. Não era um homem vaidoso, mas teria muitos motivos para isso, pensou Holly. O seu corpo era forte e estava perfeitamente tonificado. As pernas longas eram musculosas devido às horas que passava a treinar no ginásio. Com quase 1,75 m de altura, era suficientemente alto para fazer Holly sentir-se segura quando se colocava de forma protectora ao lado do seu 1,65 m. Acima de tudo, Holly gostava do facto de, quando o abraçava, ficar com a cabeça mesmo por baixo do queixo dele, onde conseguia sentir a sua respiração despentear-lhe ligeiramente o cabelo e fazer-lhe cócegas na cabeça.

O coração de Holly deu um salto quando ele baixou os *boxers*, os apanhou com a ponta dos dedos dos pés e os atirou na sua direcção, fazendo-os aterrar na cabeça dela.

— Bem, pelo menos aqui debaixo está mais escuro — disse ela, rindo. Ele conseguia sempre fazê-la rir. Quando chegava a casa cansada e irritada, depois do trabalho, mostrava-se sempre compreensivo e ouvia-a lamentar-se. Raramente discutiam e, quando o faziam, era por coisas estúpidas que depois os fazia rir, como quem



deixara a luz do alpendre acesa todo o dia ou quem se esquecera de pôr o despertador na noite anterior.

Gerry acabou o seu *striptease* e, de um salto, mergulhou na cama. Aconchegou-se junto dela, enfiando os pés gelados debaixo das pernas de Holly para se aquecer.

— Aaaaah! Gerry, os teus pés parecem cubos de gelo! — Holly sabia que esta posição significava que ele não fazia tenção de se mexer um milímetro. — Gerry. — A voz de Holly funcionava como um aviso.

— Holly — imitou-a ele.

— Não te esqueceste de nada?

— Que me lembre, não — respondeu.

— A luz?

— Ah, sim, a luz — disse ele, sonolento e fingindo rressonar ruidosamente.

— Gerry!

— Tive de me levantar da cama e de a apagar ontem à noite, se bem me lembro.

— Sim, mas ainda há um segundo estavas mesmo ao lado do interruptor!

— Sim... há um segundo — repetiu.

Holly suspirou. Detestava ter de voltar a sair da cama, quando já estava muito bem aconchegada, para pisar o chão frio e depois tactear o caminho de volta para a cama, na escuridão. Mostrou-se impaciente.

— Não posso ser sempre eu a fazê-lo, Hol. Um dia destes, posso não estar por cá. E depois? Como é que fazes?

— Mando o meu marido novo fazê-lo — respondeu Holly, irritada, fazendo os possíveis por afastar dos seus os pés gelados de Gerry.

— Ah!

— Ou, então, lembro-me de o fazer antes de me enfiar na cama. Gerry bufou.

— É pouco provável que isso venha a acontecer, minha cara. Terei de te deixar uma mensagem no interruptor antes de partir, para te lembrares.

— Que atencioso! Mas preferia que me deixasses antes o teu dinheiro.

— E um bilhetezinho no armário da casa de banho — continuou ele.

— Hã!

— E outro na embalagem do leite.

— És mesmo muito engraçado, Gerry.

— Oh, e nas janelas, para não as abrires e activares o alarme, de manhã.

— Olha lá, porque não me deixas no teu testamento simplesmente uma lista de coisas a fazer, se achas que serei tão incompetente sem ti?

— Não é má ideia — riu-se.

— Então, está combinado. Eu apago o raio da luz. — Holly saiu da cama de má vontade, fez uma careta quando pisou o chão gelado e apagou a luz. Estendeu os braços na escuridão e começou lentamente a tactear o caminho de volta para a cama.

— Holly? Perdeste-te? Está alguém aí, aí, aí, aí? — gritou Gerry para a divisão escura.

— Sim, eu... auuuuuuuu! — berrou ela ao bater com o dedo do pé no pé da cama. — Merda, merda, merda, chiça, bolas, merda, porra!

Debaixo do edredão, Gerry ria à socapa, emitindo pequenos roncoss.

— Ponto dois da lista: cuidado com o pé da cama...

— Oh, cala-te, Gerry, e pára de ser tão mórbido — disparou Holly, pressionando o pé magoado com a mão.

— Queres que dê um beijinho para a dor passar? — perguntou ele.

— Não, está bom — respondeu Holly com tristeza. — Se ao menos conseguisses pôr os teus aqui, para poder aquecer os meus...

— Aaaaah! Credo, estão gelados!!  
O que a fez rir-se mais uma vez.

E foi assim que surgiu a história da lista. Era uma ideia tola e simples, que em breve fora partilhada com os seus amigos mais chegados, Sharon e John McCarthy.

Fora John quem abordara Holly no corredor da escola quando tinham apenas catorze anos e murmurara as palavras que se tornariam famosas: «O meu amigo quer saber se queres sair com ele.» Depois de dias de discussão interminável e reuniões de emergência com as amigas, Holly acabou por concordar.

— Aah, vá lá, Holly — instigou-a Sharon. — Ele é muito giro e, pelo menos, não tem borbulhas na cara toda, como o John.

Como Holly invejava Sharon naquele momento. Sharon e John tinham-se casado no mesmo ano que Holly e Gerry. Holly era a mais nova do grupo, com vinte e três anos; os outros tinham vinte e quatro. Algumas pessoas diziam que era demasiado nova e pregavam-lhe sermões sobre como, naquela idade, deveria andar a viajar pelo mundo e a divertir-se. Em vez disso, Gerry e Holly viajavam juntos pelo mundo. Fazia muito mais sentido assim, porque, quando não estavam juntos... enfim, Holly sentia-se como se lhe faltasse um órgão vital no corpo.

O dia do casamento estava longe de ter sido o melhor dia da sua vida. Como a maioria das raparigas, sonhara com um casamento digno de um conto de fadas, com um vestido de princesa e um dia de sol lindíssimo, num sítio romântico, rodeada por todos os que lhe eram próximos e queridos. Imaginara que o copo-d'água seria a melhor noite da sua vida, imaginava-se a dançar com todos os amigos, a ser admirada por todos e a sentir-se especial. A realidade foi bastante diferente.

Acordou em casa dos pais ao som de gritos de «Não encontro a gravata!» (do pai) ou «O meu cabelo está uma porcaria» (da mãe), mas a melhor de todas foi: «Pareço uma autêntica baleia!

Nem pensem que vou ao raio do casamento com este aspecto. Vou morrer de vergonha! Mãe, olha bem para mim! É melhor a Holly arranjar outra dama de honor, porque eu não ponho lá os pés. Ei! Jack, devolve-me a porcaria do secador de cabelo, ainda não acabei!» Esta tirada inesquecível foi pronunciada pela irmã mais nova, Ciara, que fazia birras com regularidade e se recusava a sair de casa com base no argumento de não ter nada para vestir, embora tivesse o guarda-roupa a rebentar pelas costuras. Vivia actualmente algures na Austrália, com gente estranha, e a única comunicação que a família recebia da sua parte era um *mail* de tantas em tantas semanas. A família de Holly passou o resto da manhã a tentar convencer Ciara de que era a mulher mais bela do mundo. Entretanto, Holly vestiu-se sozinha, em silêncio, a sentir-se pessimamente. Ciara acabou por concordar em sair de casa quando o pai de Holly, normalmente calmo, gritou a plenos pulmões e para espanto de todos: «Ciara, este é o maldito dia da Holly, NÃO É O TEU! E VAIS ao casamento e vais divertir-te E quando a Holly descer as escadas, VAIS dizer-lhe quão bonita ela está e não quero ouvir nem mais uma palavra da tua boca DURANTE O RESTO DO DIA!»

Assim sendo, quando Holly desceu as escadas, toda a gente exclamou «oohs» e «aahs», enquanto Ciara, com a expressão de uma menina de dez anos que acabara de apanhar umas palmadas, olhou para ela, chorosa, com o lábio a tremelicar, e disse: «Estás linda, Holly.» Enfiaram-se os sete na limusina — Holly, os pais, três irmãos e Ciara —, permanecendo sentados, num silêncio aterrado, durante todo o caminho até à igreja.

Todo esse dia parecia-lhe agora envolto numa névoa. Mal tivera tempo para falar com Gerry, por terem sido puxados em sentidos opostos para cumprimentar a tia-avó Betty, vinda de onde o Judas perdeu as botas, que Holly não via desde que nascera, e o tio-avó Toby, vindo da América, que nunca antes fora mencionado, mas que de repente era um elemento muito importante da família.

Também ninguém lhe dissera que seria tão cansativo. Ao fim da noite, os maxilares de Holly doíam de tanto sorrir para as fotografias, e os pés davam cabo dela de tanto andar de um lado para o outro, o dia inteiro, enfiados nuns sapatinhos absolutamente ridículos.

Queria desesperadamente juntar-se à mesa grande dos amigos, que toda a noite tinham rido até mais não poder, claramente divertidos. Ao menos alguns divertem-se, pensou. No entanto, mal Holly entrou com Gerry na *suite* destinada aos recém-casados, todos os aborrecimentos do dia se dissiparam, e tudo aquilo pareceu valer a pena.

As lágrimas voltaram a escorrer pelo rosto de Holly, e apercebeu-se de que, mais uma vez, estivera a sonhar acordada. Estava sentada muito quieta no sofá, com o telefone ainda no descanso, ao seu lado. Naquele momento, o tempo parecia simplesmente passar por ela, sem que soubesse que horas eram nem em que dia estava. Parecia-lhe estar a viver fora do seu corpo, indiferente a tudo, excepto à dor que trazia no coração, nos ossos, na cabeça. Estava tão cansada... O estômago protestou, e apercebeu-se de que não conseguia lembrar-se da última vez que comera. Teria sido no dia anterior?

Arrastou-se até à cozinha, enfiada no roupão de Gerry e trazendo calçados os chinelos cor-de-rosa preferidos de «Diva da Discoteca» que Gerry lhe comprara no Natal anterior. Holly era a sua Diva da Discoteca, costumava ele dizer. Sempre a primeira a chegar à pista de dança, sempre a última a sair da discoteca. Onde estaria agora essa rapariga? Abriu o frigorífico e ficou a olhar para as prateleiras vazias. Apenas legumes e iogurte com o prazo de validade há muito ultrapassado, que deixavam um pivete horrível lá dentro. Sorriu vagamente ao agitar uma embalagem de leite. Vazia. O terceiro ponto da lista de Gerry...

Dois anos antes, no Natal, Holly fora com Sharon comprar um vestido para o baile anual a que costumavam ir, no Burlington Hotel. Ir às compras com Sharon era sempre um programa perigoso, e John

e Gerry tinham brincado com o assunto, prevendo, mais uma vez, o seu sofrimento num Natal sem presentes, em resultado dos excessos das miúdas. Não andavam longe da verdade. Pobre maridos negligenciados, era o que as raparigas lhes chamavam sempre.

Holly gastara uma quantia pornográfica na Brown Thomas com a compra do vestido branco mais bonito que alguma vez vira.

— Bolas, Sharon, isto vai fazer-me um rombo enorme na carteira — disse Holly, culpabilizada, mordendo o lábio e passando os dedos pelo tecido suave.

— Aah, não te preocupes. O Gerry remenda-to — respondeu Sharon com a sua gargalhada infame. — E pára de dizer «bolas, Sharon». Sempre que vamos às compras, diriges-te a mim dessa maneira. Se não tiveres cuidado, posso começar a sentir-me ofendida. Compra o raio do vestido, Holly. Afinal, é Natal, a época de dar e de receber e isso tudo.

— Meu Deus, és mesmo má, Sharon. Nunca mais vou às compras contigo. Isto é metade do meu ordenado. O que vou fazer durante o resto do mês?

— Holly, preferes comer ou ter um aspecto fabuloso?

— Vou levá-lo — disse Holly, empolgada, para o funcionário da loja.

O vestido era muito decotado, revelando perfeitamente o peito delicado e pequeno de Holly, e tinha uma racha até à coxa, exibindo as suas pernas elegantes. Gerry não conseguira desviar os olhos dela. Mas não era por estar tão bonita. Simplesmente, não conseguia perceber como podia um bocado de pano ser tão caro. Depois de estarem no baile, a Sra. Diva da Discoteca, mais uma vez, abusou das bebidas alcoólicas e conseguiu dar cabo do vestido, entornando vinho tinto na parte da frente. Holly esforçou-se bastante, mas não conseguiu conter as lágrimas, enquanto os homens sentados à mesa, em puro estado de embriaguez, informavam as companheiras de que o número cinquenta e quatro da lista proibia que se bebesse vinho tinto enquanto se usava um vestido branco dispendioso. Ficou então

decidido que o leite seria a melhor opção, visto que não se tornaria visível se fosse entornado sobre vestidos brancos que tivessem custado os olhos da cara.

Mais tarde, quando Gerry deu um encontrão na caneca de cerveja e a entornou, fazendo-a escorrer pela beira da mesa para o colo de Holly, esta, chorosa mas com seriedade, anunciou para quem estava à mesa (e para as pessoas de algumas das mesas em volta): «Regra cinquenta e cinco da lista: NUUNCA BAISS NUUNCA comprar um *festide* branco caro.» E assim ficou combinado. Nesse momento, Sharon acordou do seu coma, algures debaixo da mesa, para aplaudir e lhe oferecer apoio moral. Fez-se um brinde (depois de um empregado, perplexo, ter servido uma bandeja cheia de copos de leite) a Holly e ao seu profundo contributo para a lista.

— Lamento imenso o que aconteceu ao teu *festide* branco, Holly — disse-lhe John, entre soluços, antes de cair para fora do táxi e arrastar Sharon com ele para casa.

Seria possível que Gerry tivesse cumprido a promessa e lhe tivesse escrito uma lista antes de morrer? Holly passara com ele todos os minutos de todos os dias até à sua morte, mas ele nunca o mencionara, nem ela detectara qualquer sinal de que ele a tivesse escrito. Não, Holly, tem juízo e não sejas estúpida, disse para si mesma. Queria-o tão desesperadamente de volta que estava a imaginar todo o tipo de disparates. Ele não a teria escrito. Ou teria?

# O verdadeiro amor nunca morre



Algumas pessoas esperam a vida inteira para encontrar a sua alma gémea, mas não é o caso de Holly e Gerry. Conheceram-se quando eram estudantes, mas sentem que se conhecem desde sempre. Foram mesmo feitos um para o outro. Cada um termina as frases do outro e, mesmo quando discutem, fazem-no a rir. Ninguém os consegue imaginar um sem o outro.





Até que o inesperado acontece e Holly sente que não pode viver sem Gerry. Três meses depois da morte do amor da sua vida, Holly recebe um pacote misterioso. Gerry deixou-lhe uma série de cartas, uma para cada mês após a sua morte, nas quais, com ternura, sabedoria e humor, a encoraja a seguir em frente.

Holly perceberá, carta após carta, que a vida é para ser vivida... mas que tudo pode ser muito mais bonito se houver um anjo que nos faça companhia.

Uma história de amor eterna e inesquecível que conquistou milhões de leitores em todo o mundo e que continua a chegar ao coração das novas gerações de leitores. Porque é sempre tempo de uma história de amor verdadeiro.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros  
 sumadeletrasportugal

ISBN 9789897849022



9 789897 849022 >